

**MONSENHOR GILBERTO VAZ SAMPAIO - UMA IMPORTANTE
LIDERANÇA NA CONSTRUÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA BAHIA:
1952 - 2008.**

Mayra Sara Teixeira Caldas

Mestranda em História Regional e Local – UNEB

profmayrasara@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A presente comunicação contempla parte das discussões que vêm sendo travadas em torno da dissertação de mestrado, ora em construção, que propõe através da narrativa biográfica de Monsenhor Gilberto Vaz Sampaio melhor auscultar e compreender os movimentos políticos, sociais e culturais da Bahia, sobretudo no Recôncavo Sul. A partir dos ângulos sacerdócio, família, trabalho, estudo e militância política, emergem dimensões não perceptíveis sob enfoques macroscópicos que revelam a importância dessa liderança local, cuja insurgência contribuiu significativamente para a história da Bahia e do Brasil.

No recorte eclesialístico duma caminhada sacerdotal, a partir de sua ordenação em 1952 até a sua morte em maio de 2008, torna-se possível traçar um paralelismo com a emergência de importantes movimentos sociais de toda uma região, a partir do liame existente entre particularidades biográficas e questões conjunturais, e no entorno da memória da vida de um homem expressivo enquanto evangelizador, cidadão e educador. Através das vozes daqueles que conviveram com o Padre Gilberto e da própria escrita de si, em seus muitos registros escritos deixados, manifesta-se a compreensão do conjunto.

Tomando da própria origem grega da palavra História, que está ligada a testemunho, algo que de algum modo foi visto, percebido e/ou vivido, as fontes orais tomam corpo nos muitos relatos que erigem esta pesquisa. Na recriação dos fatos passados à luz do tempo presente, sob a ótica reminescente dos diversos depoentes que

se somam em vozes e mãos na escrita desta História, os eventos de outrora se reelaboram numa percepção plural. Nesse sentido, a partir da singularidade da história desse indivíduo ora tomado como um território em que a História se situa e ganha significado, a vida e a luta de uma região em seu fazer cotidiano.

Vale ressaltar que o uso das fontes orais se inicia enquanto metodologia nos Estados Unidos e na Europa por volta do ano de 1950, embalada pelo advento do gravador, alcançando posteriormente os países da América latina, seguindo num crescente entre os pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo a partir da década de 1970. No Brasil, ainda que a utilização de relatos orais em pesquisas acadêmicas nas ciências sociais remonte também ao ano de 1950, o impulso maior ao seu uso veio em 1970 com a criação do Programa de História Oral do CPDOC/Rio de Janeiro. Apesar disto, notadamente nos anos que se seguem ao de 1990 é que o movimento em torno dessa metodologia ganha evidência.

2 A BIOGRAFIA ENQUANTO ESPAÇO E POSSIBILIDADES

O movimento de auto-reflexão dos historiadores acerca da disciplina histórica não constitui um pensamento hodierno, vez que remonta a Heródoto e Tucídides em seus confrontos quanto às prerrogativas das fontes orais e documentais escritas. No entanto, as últimas décadas têm se mostrado extremamente profícuas, mormente no que tange às discussões teórico-metodológicas para a análise do passado, ampliando em muito o leque opcional de temas e possibilidades, inclusive a partir do recurso interdisciplinar.

Destarte, a incorporação de metodologias pertencentes a áreas afins, tais como a antropologia, sociologia, geografia e psicologia, bem como o alargamento da compreensão do que seja história cultural, vêm atuando em favor da construção de uma história mais abrangente e, por que não dizer, totalizante. Ao historiador atento, estará presente no âmbito de suas inquietações uma ambiciosa curiosidade a respeito de suas próprias matrizes teóricas, não lhe escapando a diversidade temática e tipos de

investigação, incluindo neste rol a biografia. As histórias de vida enquanto método tem sua presença já firmada nas Ciências Sociais.

No último decênio iniciei um “namoro” com esta possibilidade historiográfica, a partir da leitura de algumas histórias de vida escritas em períodos e abordagens distintos. Ainda enquanto aluna do curso de graduação em História ensaiei os primeiros passos na escrita biográfica, através de um trabalho monográfico, ao remontar a trajetória de JOSÉ FIDELIS AUGUSTO SARNO, um baiano, militante de esquerda, líder estudantil, que muito se destacou frente à resistência ao Golpe Militar de 1964. Seguindo seus passos, através da vida na clandestinidade e a experiência do encarceramento, busquei na articulação entre o individual e o social, o subjetivo e o contextual, revelar dimensões, que creio não perceptíveis através de enfoques macroscópicos.

O retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares. (SCHMIDT, 1997, p. 5)

Tal fato decorre da escalada ascendente da história social nas últimas décadas, onde o mundo acadêmico começou a perceber a riqueza no relato da história de pessoas comuns, muitas vezes como meio dos leitores, em sua imaginação, penetrarem na vida de outra época _ se bem que muitos biógrafos discordem quanto ao tipo de pessoa mais indicada a ser escolhida para essa finalidade _ enquanto uns preferem um indivíduo típico de sua era, outros preferem o que se pode chamar de uma pessoa descrita por Ginzburg (1997) como “ordinária extraordinária” ao referir-se a Menocchio, um moleiro italiano dotado de idéias religiosas excêntricas que domina seus estudos em "O Queijo e os Vermes" (1997).

O fato é que a história de uma vida individual é repleta de interesse humano e os historiadores atuais vêm seguindo uma tendência em restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais, “ora desnudando personalidades famosas, ora recuperando

trajetórias de indivíduos que haviam sido relegados ao limbo da memória nacional” (SCHMIDT, 1997, P. 3); lembrando o fato de que somos todos seres históricos e como tal, interagimos, intervimos e repercutimos no mundo.

Na reconstrução dos fatos aqui proposta, muitos são os depoimentos arrolados, deixando perceptível a forte influência de Monsenhor Gilberto nas melhorias e conquistas das comunidades onde atuou. Tal fato depende-se da recorrente coerência interpretativa e narrativa dos fatos nos referidos relatos, numa construção social a partir das memórias, que consagram a versão de seu ativismo social através da militância contínua, visando sempre às mudanças sociais e privilegiando a ação direta. Utilizando-se da eloquência presente nos seus muitos sermões e palestras sempre recheados da defesa das idéias de melhorias sociais, monsenhor Gilberto encontrou através de um caminho pacífico a sua forma de luta pela priorização da educação e conscientização da cidadania. Na antiga Vila de Varzedo especificamente, somavam-se a esses ideais a emancipação política e a elevação da Vila à condição de cidade.

Monsenhor Gilberto Vaz Sampaio, morreu numa tarde de terça-feira, aos 13 de maio do ano de 2008 quando dirigia seu veículo em direção ao povo que o esperava para a festa de Nossa Senhora de Fátima na Muritibinha, município de Conceição do Almeida- BA, Paróquia de São José do Andaiá na cidade de Santo Antônio de Jesus- BA. Aos 81 anos de idade e 55 de Sacerdócio, encerrou seus trabalhos no Recôncavo Sul baiano, enlutando a toda uma região com a sua morte.

Padre e professor, Gilberto Vaz Sampaio nasceu em Amargosa, cidade situada ao sul do recôncavo baiano, aos 06 de janeiro de 1927, onde viveu sua infância e concluiu os estudos primários na Escola Almeida Sampaio. Deu continuidade aos seus estudos no Seminário Menor de São José em Salvador, até que em 15 de junho de 1952 foi ordenado padre na cidade de Amargosa. Em 1º de janeiro de 1953 assumiu as paróquias dos municípios de São Miguel das Matas, Laje e Mutuípe.

Foi na cidade de São Miguel das Matas, que Monsenhor Gilberto iniciou sua contribuição na organização de movimentos sociais, principalmente entre trabalhadores

rurais, notadamente na década de 60 nos movimentos de organização do povo, quando então passou a ser visto como comunista, tendo sido inclusive perseguido pela polícia. Fato que o obrigou a refugiar-se numa fazenda do município, para não sofrer as repressões impostas àquela época pelo regime militar.

Ainda em São Miguel das Matas, fundou a Congregação Mariana (1952), mobilizou a comunidade na construção de casas populares para pessoas carentes (1960), e fundou o Colégio Normal - Ginásio 8 de dezembro (1964). Estas suas incursões políticas e sociais aqui relatadas, ainda que de maneira superficial, uma vez que cada uma delas será mais bem descrita nos capítulos que se seguem nesta dissertação, evidenciam sua contribuição na promoção da dignidade de vida àquele povo. Deixando São Miguel, Padre Gilberto passou a atuar na Paróquia de São José do Andaiá, em Santo Antonio de Jesus, até dezembro de 1981.

Em 1º de janeiro de 1982, foi transferido para a Vila de Varzedo, sendo seu primeiro pároco. Inconformado com o que via - jovens em Varzedo sem estudar e alguns estudando com muita dificuldade em Santo Antonio; ainda em janeiro de 1982, juntamente com um grupo de amigos fundou o Colégio Monsenhor Gilberto Sampaio, que funcionava nos fundos da casa paroquial, sendo também um dos professores da instituição; hoje Escola de 1º Grau Monsenhor Gilberto Vaz Sampaio. Em 1986, Padre Gilberto fundou o Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição.

Vendo o povo da Vila de Varzedo reclamando da administração de Santo Antonio de Jesus e percorrendo os vários cantos do município em suas caminhadas religiosas, Padre Gilberto passa a ser porta voz da comunidade, idealizador e lutador pela Emancipação de Varzedo. Articulou e formou a Comissão Pró-Emancipação, mobilizou o colégio que havia fundado para fazer pesquisas e peça teatral num trabalho de conscientização popular, partindo para a vitória do SIM à emancipação num plebiscito realizado em 08 de Janeiro de 1989, que elevou a Vila de Varzedo à categoria de Cidade; fato que se deu aos 13 de junho de 1989.

Divulgou o nome de Varzedo onde pôde sempre defendendo a educação como alicerce da cidadania, dizendo em suas palestras: "A educação é como uma fonte que nunca seca, quanto mais usa, mas a água fica limpa".

Ninguém via Padre Gilberto descansando, somente atuando na vida pastoral, escrevendo, atendendo aos amigos nas manhãs de sábado em sua residência, ou pelas andanças atrás de casas de abelha, transferindo colméia e proporcionando novos meios de vida para o povo de Varzedo, incentivando a apicultura. (Depoimento da Professora Reijane Andrade, 2008).

Em 2008, pouco antes de morrer, ainda fundou em Varzedo a Faculdade de Ciências Educacionais - FACE.

Homem carismático, Monsenhor Gilberto assumiu o papel de líder enquanto ator social, vez que se destacou dentre tantos outros, transformando as realidades locais que o cercavam através da união e organização e à frente de todas as lutas pelas melhorias necessárias. Fundou colégios e creches, incentivou e organizou frentes e movimentos populares e estimulou muitos jovens a estudar, sempre despertando a curiosidade e interesse do povo pela educação.

Padre Gilberto tinha como maior virtude o diálogo. Ele acreditava que através da comunicação entre os homens as diferenças seriam respeitadas. Tinha consigo o desejo de emancipar a vila e implantar a educação. Ele acreditava que o caminho para driblar o subdesenvolvimento local era uma educação séria e que as más escolhas dos representantes e governantes poderiam trazer sérias conseqüências para a comunidade. Pensando desta forma padre Gilberto via a educação como único instrumento capaz de proporcionar às pessoas conquistas e privilégios. (Aricelma Araújo – estudante de jornalismo, Programa Podcast Ativismo Social – Arquivo pessoal, s/d).

Suas escolhas e atitudes tinham conseqüências sobre o comportamento das comunidades, tal e qual os momentos vividos na coxia, que precedem o despertar das cortinas ante o desenrolar das grandes cenas teatrais. Os importantes fatos políticos,

culturais e sociais do recôncavo Sul da Bahia são aclarados e melhor elucidados sob a ótica da trajetória sacerdotal de monsenhor Gilberto.

3 MONSENHOR POR MONSENHOR NA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DE VARZEDO

Em geral cabe ao historiador/pesquisador organizar e analisar os relatos fornecidos pelos seus entrevistados, uma vez que estes são sempre partilhados numa certa desordem cronológica, cheios de lacunas e intercalações, posto que as lembranças vão se somando, embaladas muitas vezes pela nostalgia, angústias e alegrias, a que estas lhes remetem. Cabe então ao historiador a missão de selecionar, identificar e agrupar essas memórias.

A partir dos depoimentos/informações, que se complementam a cada fala, no quadro/panorama que o historiador pretende recriar, nenhum destes pode ser tomado individualmente como a realidade absoluta dos fatos, tampouco um falseamento desta, porquanto constituem as verdades de cada um dos entrevistados, resultantes das vivências individuais e que compõem as suas trajetórias de vida. Porém, em se tratando dos relatos do Monsenhor Gilberto, suas “verdades” aparecem cronologicamente fichadas e catalogadas, numa descrição amiúde do seu relato à posteridade; pelo menos no tocante à sua participação na emancipação política da cidade de Varzedo.

Viajando pelas comunidades rurais, nos momentos que sobravam antes da missa, Padre Gilberto escrevia. Juntando suas experiências observadas e atuadas, publicou o livro: "Emancipação de Varzedo: quatro anos de luta", uma obra literária e histórica sobre a cidade, como ele próprio diz, “que muito amou”. Na escrita desse livro fica muito evidente seu intento em deixar para a posteridade sua visão de como esses fatos ocorreram. Nele as lembranças do padre já vêm elaboradas e analisadas, uma vez que são as informações que ele gostaria de deixar registradas e da forma como ele gostaria que elas fossem tomadas ou pensadas.

Um povo que não tem história não tem referência. Não podemos afirmar que Varzedo não tem história. O que ocorre é que a sua é ignorada. Visando colocar um tijolo na construção do nobre edifício da HISTÓRIA DE VARZEDO, é que busquei pintar com vivas pinceladas, o seu importante capítulo que descreve a sua emancipação político-administrativa.

Este modesto trabalho, (...) objetiva legar à posteridade o **relato fiel** de uma luta que durou quatro longos anos, heroicamente sustentada por uma equipe que se empenhou, dando o melhor de suas energias, por legar a esta terra a glória de ser livre, escrevendo, destarte, uma das mais belas páginas de sua história.

Muitos municípios desenrolaram lutas gloriosas para que se emancipassem, no entanto, seus filhos não registraram, para os pósteros, o nobre exemplo de desprendimento, de doação à causa comum dos seus emancipados. (SAMPAIO, 2007, p. 14, grifo do autor seguido de grifo nosso).

Nos registros de Monsenhor Gilberto não há o jogo de esconde-esconde, porquanto as intenções e o direcionamento interpretativo que o narrador pretende impingir aos fatos relatados ficam bastante claros e organizados quando do oferecimento de suas lembranças. “As lembranças não vivem no passado, ao contrário, precisam de um tempo presente de onde sejam projetadas e ancoradas por um sentido” (SANTOS, p. 4, s.d.). Aqui os sentidos ficam muito patentes na fala do monsenhor, o que nos remete à reflexão da escrita de si.

Gosto de pensar a noção de uma escrita de si como o exercício constante de um pensar sobre si mesmo na elaboração que o ato de escrever (-se) viabiliza. É um falar sobre o Eu; um modo, uma forma de constituição do Eu – este o que a escrita sobre si proporciona. Foucault denomina a isto de “escritura etho-poiética”, pois possui uma função poética e engendra uma política de criação de si. Demonstra um compromisso com a vida. É, conforme Foucault, uma tessitura, um amálgama de escrita e leitura, pois incita o mergulho na multiplicidade de materiais de expressão criadora trazidos pelas leituras que se vai fazendo: os fragmentos costurando-se. E, fundamentalmente, a apropriação que se faz disso. (NÓBREGA, 2007, p. 1).

Numa leitura feita a contrapelo, os relatos selecionados nesta construção biográfica em curso, constituem por si só, escritas de si; não apenas refiro-me ao

episódio da narrativa da emancipação política de Varzedo feita pelo Monsenhor; uma vez que esta me parece inconteste. Os entrevistados, lembra Rejane Penna (2007), até mesmo para atenderem aos objetivos da pesquisa, vão sendo selecionados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema que se está a pesquisar porque estes podem conceder depoimentos significativos. Portanto trata-se de percepções de si e por si.

A História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a "histórias dentro da História" e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado. (ALBERTI, 2005, *passim*). Uma vez tendo estabelecidos os objetivos da pesquisa, e a propositura aqui exclui os critérios quantitativos numa opção clara pela posição dos entrevistados quanto aos significados de suas experiências frente aos acontecimentos pesquisados, as percepções de si então só ampliam as possibilidades de estudo dos acontecimentos do passado.

Nos escritos de Monsenhor Gilberto e no que podemos chamar de suas anotações de vida que retratam a Vila Varzedo como “um lugar onde se vivia numa sala de espera, onde nada esperavam” (2007, p. 17), estão suas verdades e percepções acerca de um lugar “que começou a aspirar desenvolvimento e sonhou com melhores dias” (*ibidem*), a partir dos primeiros esboços do Projeto de Lei nº 6367/85 que criava o município de Varzedo desmembrado de Santo Antônio de Jesus e Castro Alves.

O professor e Historiador Jorge Amorim, ao prefaciar o livro escrito por Monsenhor Gilberto, faz referência ao fato de tratar-se de uma obra microanalítica, “movimentada pela espiralada dinâmica geral, onde o leitor se deparará nos digladiamentos dos grupos partidários filiados ao PMDB e ao PFL baianos no plano estadual, incidindo-os no plano local...” (2007, p. 10). Tal descrição nos remete a pensar um pouco no Monsenhor enquanto homem político, que se revela como tal em “Emancipação de Varzedo” numa obra ainda descrita pelo Professor Jorge “preocupada em mostrar a política como algo fundamental para conjugar as ações humanas, parafraseando Dalmo de Abreu Dallari, a partir da anuência de todas elas.” (2007, p. 11).

Embora muitas vezes se autodefinindo como apartidário e apolítico, dizia-se comprometido apenas com o bem da comunidade que defendia, durante todo o processo que antecedeu a emancipação de Varzedo, o Monsenhor esteve costurando as alianças, articulando e organizando a comunidade, sobretudo os jovens, escrevendo e distribuindo panfletos e discursando em prol da liberdade da cidade. Sua melindrosa posição de pároco da cidade não o impedia de fazer ecoar sua voz. Em 18 de setembro de 1987, minutos antes de um intenso debate que ali ocorreria entre os eminentes políticos locais, favoráveis e contra a emancipação, fez a seguinte declaração em entrevista concedida ao jornalista Álvaro Martins da Rádio Clube na cidade de Santo Antônio de Jesus, quando perguntado se conhecia os líderes do NÃO à emancipação e se eram seus amigos:

É constrangedor para mim constatar que tenho de contrariar teses e opiniões e até interesses de grandes amigos que se posicionam contra a emancipação. Entre esses tenho grandes amigos que considero como irmãos, a exemplo do Dr. Reinaldo Rosa, do Dr. Renato Machado e da **Dra. Sabia** (sic.). Nossas posições antagônicas, no entanto, não destroem a nossa amizade, fundamentada na sinceridade. Mesmo sabedor de que minha posição os melindra, prefiro não lhes agradar, que ir contra meus princípios e contra os anseios da comunidade com a qual estou comprometido. (SAMPAIO, 2007, pp.179 e 180, grifo nosso¹).

Sábio nas palavras, Monsenhor constrangia hábil e delicadamente aos que tentavam intimidá-lo ou constrangê-lo. Ao final de sua entrevista o debate esperado se inicia com uma rara delicadeza e mansidão, considerando-se o calor do momento político.

Às treze horas do dia treze de junho de 1989, finalmente, após a realização do plebiscito, seguida de uma longa batalha jurídica, o então governador da Bahia Nilo Coelho sancionou a Lei que emancipou a cidade de Varzedo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹ O nome correto seria Dra Babia. Seria apenas um erro de digitação?

Aqui foram relatados apenas fatos de uma pequena passagem da história de vida do Monsenhor Gilberto, que vem sendo tomada como um “pretexto” para discutir os movimentos políticos, sociais e culturais no Recôncavo Sul da Bahia no período compreendido entre 1952 e 2008, na dissertação de mestrado ora em construção. Nela, a partir das vivências do padre tão intensamente partilhadas junto a estes grupos sociais que foram se formando ao seu entorno, através das projeções do passado no presente, busca-se a compreensão das transformações operadas na sociedade.

Na biografia histórica o que se busca através da narração de uma vida, ou parte dela, é a articulação em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos. Neste sentido, por exemplo, Carlo Ginzburg (1987) afirmou que seu livro *O queijo e os Vermes* “Pretende ser uma história bem como um escrito histórico... o objetivo é fazer o leitor captar uma impressão mais densa e completa da realidade que o relato reproduz”.

Alicerçada nas proposituras de Giovanni Levi (2000) e Carlo Ginzburg (1987), dentre outros aqui já citados anteriormente, mergulho no desvendamento dos múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto, numa tentativa de desnudar um pouco mais do que a história nos conta até então. Nesta tessitura, busco as modificações do cotidiano a partir das transformações culturais daí advindas.

Sem tencionar incorrer numa discussão antropológica, a biografia de Monsenhor Gilberto procede também numa linha de análise cultural que permite perscrutar os hábitos, valores e costumes, bem como representações da vida criadas e recriadas pela região: trabalho, lazer, moradia, alimentação, comemorações cívicas e religiosas. A partir da contextualização dos fatos narrados e sempre perguntando de que maneira a comunidade significou o biografado, é possível provocar aqui discussões sobre a microanálise a partir da investigação de uma comunidade circunscrita.

Penso o trabalho do historiador na perspectiva do compreender, de tal sorte que a objetividade do seu discurso não reside mais relacionada com visões acabadas, definitivas ou fechadas; mas sim na busca de possibilidades.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f.

ANDRADE, Reijane. **Entrevista concedida a Mayra caldas em Junho de 2008**. Varzedo, Bahia. Duração 1h. 43 min.

ARAÚJO, Aricelma. **Programa Podcast Ativismo Social**. Arquivo pessoal da Estudante de jornalismo, s/d.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. RJ Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____, **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332. Acessado em 28 de março de 2008. Disponível em <http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a13.pdf>.

GINZBURG, Carlo. 1990. A história e a micro-história: uma entrevista com Carlo Ginzburg. LPH - **Revista de História**.

_____, **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. SP Cia. Das Letras, 1987.

GOUBERT, Pierre. História local. In. **História e Perspectivas**. N.6. Uberlândia. Jan-Jul. 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais. 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Paz e Terra, São Paulo, 1992.

- HUNT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **São Luis: Biografia**. RJ: Ed. Record, 1999.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia in AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. RJ: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LIMA, Henrique Espada. **A Micro-história Italiana**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006. (segunda parte, Cap. III – Questões de Escala).
- NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. **A Escrita de si: uma leitura sobre a questão**. Disponível: <http://vertenteculturalteatroinfantil.blogspot.com/2007/01/escrita-de-si.html> Acessado em 18 de março de 2010.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; Salvador: Arcádia, 2002.
- PENNA, Rejane - Fontes orais e histórias comunitárias: controle político ou construção de cidadania - La Salle – **Revista Educação Ciência e Cultura**. Canoas v. 12 n. 1 jan. - jun. 2007
- REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SAMPAIO, Monsenhor Gilberto Vaz, **Emancipação de Varzedo: Quatro anos de luta**. Editora e Gráfica Exemplar, Varzedo, 2007.
- SANTOS, Antonio Cesar de Almeida, **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Departamento de História. Acessado em 28 de fevereiro de 2010. Disponível em: www2.uel.br/cch/cdph/.../Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf.
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. S. Paulo: Martins Fontes, 1986
- SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos**. Estudos Históricos, no. 19. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- SHARPE, Jim. A História vista de baixo in BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**, 1992.